

CONSCIÊNCIA DE CLASSE

"OS FILÓSOFOS APENAS INTERPRETARAM O MUNDO DE DIFERENTES MANEIRAS O QUE IMPORTA É TRANSFORMÁ-LO"

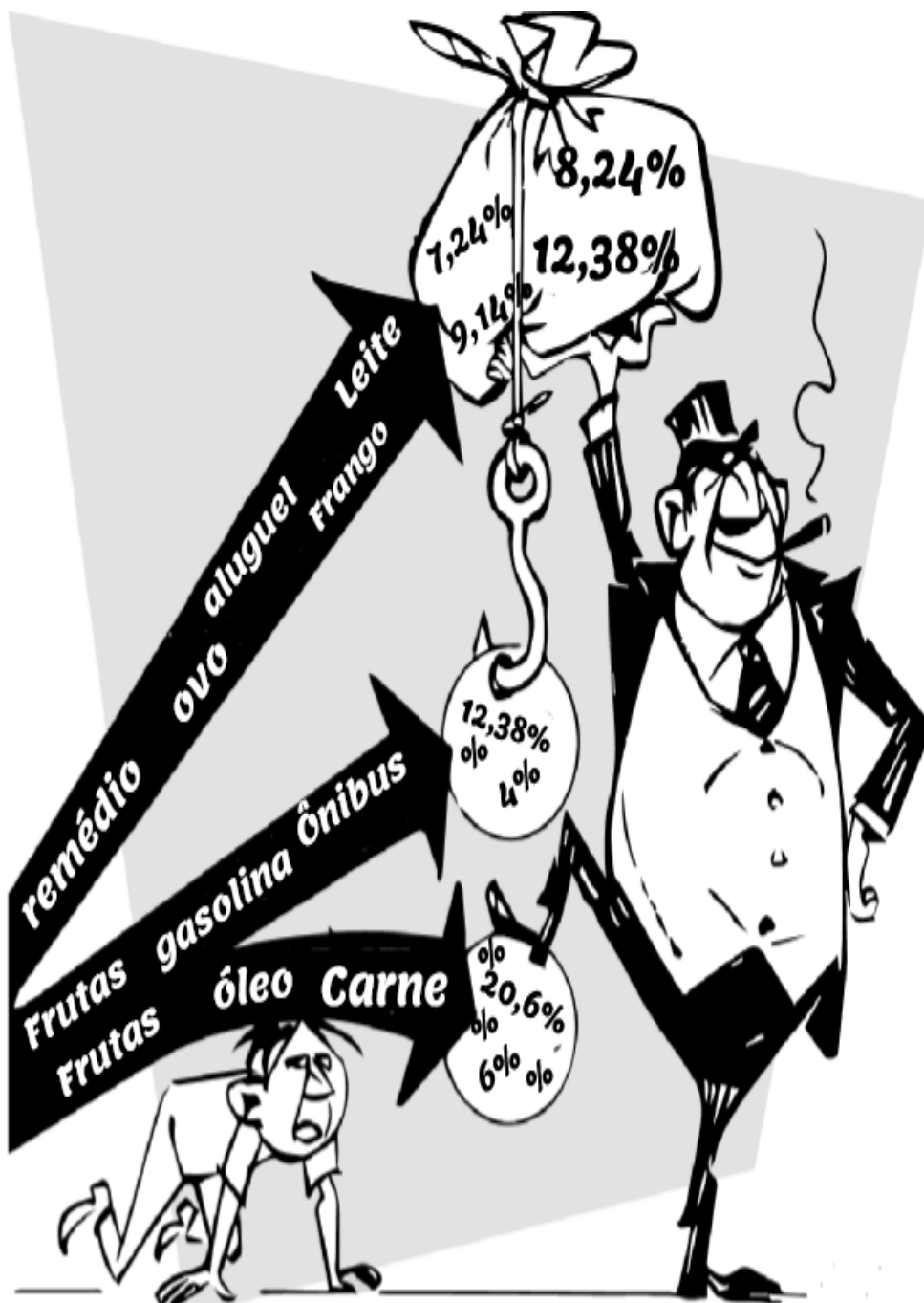


@emancipacaosocialista

Nº 33 01/03 a 30/04/2025 R\$ 2

TÁ MUITO CARO PARA VIVER!

CONGELAMENTO E TABELAMENTO DE PREÇOS, JÁ!



- 2 EDITORIAL
- 3 AGRONEGÓCIO E A INFLAÇÃO
- 4 MULHERES ANTICAPITALISTAS CHAMAM PARA LUTAR
- 5 ENTREVISTA: ISABELLA DA UFRJ
- 6 UMA CRÍTICA SOBRE "AINDA ESTOU AQUI"
- 7 NEM LIVRE-MERCADO, NEM PROTECIONISMO

EDITORIAL:

A VIDA ESTÁ CARA, MAS ESPECULADORES SEGUEM ENCHENDO A PANÇA

A pesar de alguns dados positivos na economia – uma ‘estabilidade no caos’ – a vida continua cara para os trabalhadores e o povo que utiliza sua renda essencialmente na alimentação. A feira está cada vez mais cara e a inflação no Brasil – que não é um acidente – penaliza os mais pobres. A redução drástica na popularidade de Lula 3 pode ser explicada em boa medida por este quadro.

O que causa esta carestia? Além da típica omissão de governos durante décadas – não tomaram as medidas necessárias e duras contra especuladores – existe a lógica do sistema capitalista. Não há medidas para proteger a população da alta de preços. Pior: privatizam, entregam nossos recursos ao mercado financeiro e permitem a especulação desenfreada em alimentos e bens essenciais.

Enquanto os brasileiros sofrem com o aumento dos preços, as empresas do agronegócio exportam boa parte da produção nacional, além de manipularem estoques para lucrarem mais, e enquanto isso, o povo fica sem acesso a esses produtos. É a lógica atrasada de capitalismo periférico do agro que vale para enriquecer os grandes fazendeiros que não se importam com a situação da população.

Se houvesse uma política de controle de exportação, –atendendo primeiro as necessidades da população– esse quadro poderia ser amenizado e não deixar apenas os refugos de baixa qualidade nos supermercados brasileiros. Nessa lógica, a produção agrícola gera lucro para os exportadores e o povo não consegue nem comprar.

O CASO ESCANDALOSO DO CAFÉ: ESPECULAÇÃO E PREÇOS INTERNACIONAIS

Os preços do café arábica

atingiram um recorde em fevereiro/25, chegando a US\$ 4,11 por libra-peso. Os fatores climáticos importam, mas não explicam toda a história. Vejamos o caso do café: não foram apenas as plantações de café brasileiras –produzindo principalmente grãos arábica– que foram prejudicadas pelo mau tempo. Os suprimentos de robusta – de qualidade inferior – também sofreram queda na produção em função da seca e chuvas fortes no Vietnã, seu maior produtor.

O segredo do aumento do preço está na especulação. O café é a segunda commodity mais negociada do mundo em volume, depois do petróleo bruto. Como a sua popularidade está aumentando em países como a China, mesmo não sendo um alimento de primeira necessidade, a lógica capitalista (reduzindo a oferta e aumentando o preço para manter as taxas de retorno e de lucros) aparece. Em síntese, o clima não explica tudo: o café bateu recorde de preço em 50 anos principalmente pela especulação e a tendência de alta deve persistir por algum tempo. Vale destacar que algo parecido ocorreu com o azeite de oliva.

OS GOVERNOS NÃO INVESTEM NO CONTROLE DE ESTOQUES DE ALIMENTOS

A CONAB foi enfraquecida e deixou de regular os estoques de arroz, feijão e outros alimentos básicos. Sem estoques públicos, os atravessadores controlam a oferta e fazem os preços subirem. Estes setores parasitários não são taxados e vivem livres para estocar produtos e aumentar os preços, prejudicando diretamente os mais pobres.

Além do preço dos alimentos as privatizações elevaram os preços de serviços como energia e telefonia. Se paga muito por gás de cozinha

e combustíveis, mesmo o Brasil sendo um dos maiores produtores do mundo. A pressão dos preços das commodities internacionais e a lógica do sistema capitalista global explica o problema em boa medida. Importante considerar também que a logística distante e rodoviária – majoritariamente – também incide no preço final dos produtos. A concentração de determinadas mercadorias em algumas regiões leva a um longo deslocamento, elevando o custo.

Para enfrentar a alta dos preços é preciso uma outra lógica: contrariar parasitas especuladores e atravessadores, estimular a produção regional, enfrentar o agronegócio diversificando a produção e apoiando o pequeno produtor e a agricultura familiar e romper com o sistema de preços internacionais. Seriam os primeiros passos. Além disso, urge retomar estoques públicos de alimentos sobre controle dos trabalhadores para evitar a manipulação de preços e taxar empresas que estocam produtos essenciais para lucrar mais.

Também defendemos reestatizar setores como Petrobras (na prática uma empresa com lógica privada) e Eletrobrás para reduzir preços de combustíveis e energia e criar um sistema de controle sobre exportações de produtos essenciais, garantindo que o povo tenha acesso ao que é produzido no país.

É preciso sair da armadilha do mercado do agro e adotar uma política econômica anticapitalista voltada para os interesses dos trabalhadores e do povo.

➤ Reforma agrária e priorização do pequeno produtor/agricultura familiar!

➤ Controle dos estoques e congelamento dos preços dos produtos alimentícios!

O AGRONEGÓCIO E A INFLAÇÃO DOS ALIMENTOS



A partir de setembro de 2024, os preços dos alimentos passaram a ser uma preocupação a mais na mesa do trabalhador. A carne bovina subiu mais de 20% e os alimentos de forma geral seguem subindo há cinco meses – em Janeiro de 2025, cenoura elevou 36,14%, tomate 20,27%, café moído 8,56% (acumulando 50,4% no ano)...

A AGRICULTURA FAMILIAR E O AGRONEGÓCIO

A Agricultura Familiar é a realizada por pequenos e médios produtores rurais, a família vive na propriedade e trabalha direto na terra, emprega mais mão de obra em relação ao agronegócio e a propriedade não pode ser maior que quatro módulos fiscais (conforme a cidade, varia de 5 a 110 hectares).

O agronegócio é a produção em grandes latifúndios, utiliza intensivamente insumos e tecnologias avançadas, focado em exportação, normalmente se limita a monocultura, usa muito agrotóxico e é um responsável pela emissão de gases do efeito estufa no Brasil e recebe muitos incentivos fiscais.

Tem uma bancada de parlamentares de extrema direita para defender seus interesses.

Agricultura familiar ocupa apenas 23% das áreas agricultáveis do país, mas produz 70% do que os brasileiros consomem. Destaca-se em mandioca (87%), feijão (70%), leite (60%), rebanho suíno (59%).

O agronegócio lidera em outros produtos-chave, como café, carne bovina, soja e milho. Soja e milho acabam por influenciar o preço da pecuária, pois o aumento do custo de rações encarece a carne no prato do trabalhador. Com a produção voltada para exportação, o preço do dólar e o preço do produto no mercado externo impactam diretamente nos preços dos alimentos no Brasil.

Então, o Brasil está entre os maiores produtores de alimentos, produz muito mais do necessário para alimentar a população e ao mesmo tempo pagamos alto preço para manter a taxa de lucro de grandes latifundiários do agronegócio, com parte da população passa fome.

O foco na exportação de produtos primários, e ainda com isenção de impostos, gerou dependência dos preços internacionais de oligopólios financeiros, além de desindustrialização e desemprego.

O preço no mercado externo está incerto. Guerras, como a Rússia e Ucrânia impactam no preço de fertilizantes e combustíveis (encarecendo o transporte dos alimentos) e as mudanças ambientais reduzem a produção, como é o caso do café, no qual o aquecimento global é considerado a principal causa da elevação do preço.

A lógica do agronegócio para ampliar a produção entra em contradição direta com o momento que vivemos. Sua busca por mais terras, do lucro imediato, gera maior calor no meio ambiente que reduz sua produtividade (lembre-se do café) e gera mais doenças, além de reduzir as chuvas futuras, encarecendo os custos de produção, elevando os preços. A continuidade deste modelo nos deixa cada vez mais próximos do colapso ambiental.

O GOVERNO LULA SEGUE SEM ATENDER AS REIVINDICAÇÕES DA AGRICULTURA FAMILIAR

Na contramão de uma solução, os governos no Brasil intensificam o problema incentivando o agronegócio com isenções de impostos e priorizando o mesmo na distribuição de crédito.

No governo Lula a lógica não é diferente, para a safra de 2024/25 foi destinado mais de R\$ 400 bilhões

ao agronegócio (valor que daria para montar uma Estatal gigantesca no setor...), já para a agricultura familiar apenas R\$ 76 bilhões (avançou comparado com Bolsonaro, mas ainda prioriza o latifúndio). Ou seja, utiliza recursos públicos do país para manter a desigualdade no campo, a dependência e subordinação aos preços internacionais e a destruição do meio ambiente.

Frente ao aumento dos preços dos alimentos, os ideólogos do capital financeiro, atacam a população, atribuindo o aumento à pequena elevação do emprego, e defendem restringir o poder de compra aumentando a taxa de juros, como se dissessem para as pessoas comerem menos para os preços baixarem. E ainda pedem mais isenções e poder para o Agronegócio.

Um olhar para história recente já desmonta esse argumento, no governo Bolsonaro, o poder de compra dos trabalhadores reduziu e a inflação dos alimentos foi, em média, superior a 10% ao ano.

A saída é a defesa da estatização do grande agronegócio e modificação da forma de se produzir, fim das práticas de queimadas, recomposição de estoques de alimentos para combater as adversidades (destruída no governo Temer e ainda não retomada de forma efetiva), incentivo a agricultura familiar e tipos alternativos de agricultura respeitando o ambiente, modificação do transporte dos alimentos e foco nas demandas do povo e de forma limpa, reforma agrária dos latifúndios improdutivos, regularização fundiária e uso da terra para atendimento das necessidades da classe trabalhadora.



MULHERES CONTRA A OPRESSÃO, O CAPITALISMO, O PATRIARCADO E A EXTREMA-DIREITA!

Frente ao avanço do capitalismo, as opressões se agravam e demarcam o retrocesso das conquistas da classe trabalhadora garantidas a partir de grandes lutas de âmbito mundial.

Em relação às conquistas das mulheres trabalhadoras, com o avanço da extrema direita e a consolidação do neoliberalismo, a perpetuação da sua exploração é pensada como natural.

Frente a isso, não podemos mais acreditar que os direitos conquistados dentro da democracia burguesa nos bastem, busquemos então a radicalização da nossa luta e organização na nossa revolta diante dos ataques desse sistema. Ao declínio dos nossos direitos, que possamos enxergar a luz na revolução para que sejam superadas as opressões de gênero na classe trabalhadora.

Nessa perspectiva, a disputa eleitoral é insuficiente para barrar as investidas do capital, isso é demonstrado pelo poder que a extrema-direita possui ao tentar equiparar aborto legal em caso de estupro e risco à gestante como homicídio, criminalizando vítimas de abuso sexual, com o PL 1904/2024 regido por um parlamentar do PL.

Os guardiões do capitalismo, defensores do discurso de Deus, Pátria e Família, representam, portanto, o desenvolvimento do capital diante da tentativa de desmantelamento do combate às opressões de gênero da classe trabalhadora. Todavia, banhados em hipocrisia, se calam diante dos casos de violência sexual a menores de idade como o da Anna Cecillya, vítima de estupro e assassinato em Alagoas, com apenas 9 anos de idade.

A frequência dessas brutalidades evidencia a necessidade de discutir o assunto de maneira séria, sem cunho religioso e moral, mas como questão de saúde pública. Infelizmente, após o pedido de urgência da PL 1094/2024,

mesmo com muitas manifestações contrárias, o projeto aguarda despacho do presidente da Câmara dos Deputados.

A mulher trabalhadora sofre com a tripla jornada, submetida à obrigação de cuidar de filhos, da casa, de idosos da família e ganhar seu sustento. As condições de trabalho das mulheres são sempre piores, sendo a elas legadas as ocupações menos remuneradas, em geral. Se tratando de mulheres negras a situação é mais grave, sendo elas em sua maioria chefes solas de sua casa e, mesmo com programas sociais como o Bolsa Família e, agora, o Pé de Meia, são estas as mulheres mais afetadas pelo sistema capitalista, produtor e agravador de todas as desigualdades.

Esses programas de transferência de renda não são suficientes para tirar a mulher trabalhadora da opressão de classe. A criação do Bolsa-escola, em 2001, deu relevância a questões de gênero na classe trabalhadora precarizada. O depósito do valor por cada criança matriculada na escola era feito na cota da mãe. A mãe, como grande sustentáculo do lar, mesmo casada, não desperdiçaria o dinheiro.

Os homens, por outro lado, com alguma frequência gastam valores importantes para o orçamento da família com bebidas, cigarros. Tal foi a justificativa na época.

Longe de querermos ressaltar premissas moralistas de uma sociedade hipócrita contra a qual nos defrontamos, a condição da mulher em um lar de trabalhadores é de total ocupação aos filhos e companheiros, daí a confiança em que ela utilize melhor os depósitos para os filhos.

Quando a mulher não age exclusivamente em prol do bem-estar de sua família é julgada e condenada pelos tribunais dos costumes. A mulher proletária, evidentemente. Já a pequeno-burguesa se vale da possibilidade de explorar outras mulheres para se libertar do jugo que no qual o patriarcado, a colocou por

sua condição de gênero.

A LUTA DAS MULHERES CONTRA TODAS AS OPRESSÕES

A luta contra as opressões de gênero é primordial para alavancar um processo revolucionário profundo. Há 108 anos, na maior vitória da classe trabalhadora até hoje, a Revolução Russa, as relações de gênero foram substancialmente modificadas com a descriminalização da homossexualidade, o divórcio e a construção de creches e restaurantes públicos.

Atualmente, com a extrema-direita disseminando sua ideologia reacionária e religiosa, em grande parte do mundo mulheres são submetidas a casamentos dos quais não podem sair sob risco de serem assassinadas (governo Talibã, por exemplo), o controle de seus corpos é enorme com a criminalização do aborto e com a comunidade LGBTQIAPN+, como mulheres transexuais, grupo no qual mais morre no Brasil pelo 13º ano consecutivo. Não nos enganemos: o Capitalismo não pode resolver as opressões de gênero porque ele vive delas.

Especificamente aqui no Brasil, uma sociedade que tem retrocedido bastante nestes debates com a ascensão de grupos neopentecostais na política (envolvendo a classe trabalhadora em uma ideologia que lhe é prejudicial), a luta contra o marco temporal das Terras Indígenas é fundamental também. Constituindo um grupo oprimido no país e nas Américas como um todo, os indígenas são aliados daqueles que precisam derrotar as opressões de gênero.

Hoje, as mulheres indígenas são estupradas por garimpeiros e capatazes do agronegócio; as mães indígenas, assim como as negras, choram seus filhos mortos pelo Estado burguês, sem terem saída para essa violência, se blindam coletivamente, para assim conseguirem buscar justiça.

"ENQUANTO HOUVER NÓS, ESTUDANTES SOCIALISTAS DA ESQUERDA RADICAL, (...) EXISTIRÁ ALTERNATIVA SOCIALISTA"

Começam as aulas nas universidades, muita gente nova chegando e logo aparecem os desafios para a juventude. Para falar desse processo entrevistamos Isabella, estudante de Ciência Política da UFRJ.

No começo do ano milhares de jovens chegam nas universidades, cheios de sonhos, querendo aprender e até construir um futuro profissional. O que você pode dizer?

Isa: O início do ano letivo na universidade é sempre de encanto ao novo, gerado pelo sentimento de realização do sonho daqueles que ansiavam por esse momento.

Nas atividades de recepção dos caloures há, entre trotes e apresentações, a partilha de fatos ou curiosidades particulares nas rodas de conversa. Essa integração e troca é essencial, simbolizando o início, principalmente daqueles que nunca tiveram contato com o universo da universidade e são os primeiros ingressantes de sua família a acessar esse novo mundo.

Com o tempo, a universidade nos ensina que haverá responsabilidades que não estão no nosso controle, mas que não estão isentas a crítica, mesmo que muitos fatores dentro dela façam um esforço de gerar indivíduos estagnados politicamente.

Quais os principais problemas na universidade pública?

Isa: Dentro da universidade pública existem muitos problemas, mas destaco um que de maneira geral afeta o pilar principal das instituições federais de ensino superior: a falta de verba para seu pleno funcionamento. Minha análise, portanto, é agravada por ser estudante da UFRJ que a cada ano define mais por sua questão orçamentária. Somente no ano

passado ocorreram os seguintes casos: desabamento de prédio, 24h de energia cortada em diversos centros, falta de abastecimento de água, entre outros.

Além disso, a UFRJ enfrenta hoje um histórico de reitorias que a gerência através da venda de seus serviços para iniciativa, como foi a contratação da EBSERH para o Hospital Universitário, mesmo após ocorrer resistência dos estudantes e do SINTUFRJ.

A Universidade é muito rica para a formação crítica da juventude, mas também sabemos que a extrema-direita tem crescido até mesmo no movimento universitário. Como demonstrar na prática o perigo desse caminho?

Isa: Em relação ao avanço da extrema-direita no movimento estudantil, analiso que, o que acontece na universidade, é reflexo da política institucional de fora dela.. Ter gestão de DCE e CA de correntes estudantis imobilistas faz com que os mesmos busquem outra alternativa para solucionar os problemas que são recorrentes nela. Então, a extrema-direita se coloca como alternativa. Isso significa que a proposta de privatizar as universidades públicas não representa um absurdo, mas sim uma alternativa a jovens que desacreditam do movimento estudantil da “esquerda” instrumentalizadora das representações estudantis (DCE e CA).

E uma alternativa socialista, há espaço entre parte da juventude?

Isa: Enquanto houver nós, estudantes socialistas da esquerda radical, que acreditam no combate à exploração da classe trabalhadora através de uma construção revolucionária anticapitalista, existirá alternativa socialista, porém

resta nos unir verdadeiramente em contrapartida a gerência dos conciliadores que no discurso aparentam ser aliados, mas que em sua prática política representa o neoliberalismo.

Hoje, por exemplo, a UNE, comandada pelo petismo e seus seguidores, da linha da política institucional do atual governo, se recusa a fazer uma análise crítica da realidade das universidades públicas nacionalmente, tomando como vitória toda e qualquer ação no governo Lula. Um retrato disso é o não questionamento da última ação governamental, o Pé de Meia para os estudantes de licenciatura a partir de 2025, no qual Lula declarou ser uma medida de incentivo aos professores, porém eu pergunto: O que seria mais incentivador do que a valorização da carreira docente e a revogação do NEM?

Os estudantes não são uma classe social, mas o movimento estudantil pode se posicionar em relação à luta de classe. Quais as bandeiras da classe trabalhadora que vocês levam para a universidade?

Isa: Bom, inicialmente, precisamos compreender que mesmo estudante não ser classe social, há estudantes que dividem sua vida acadêmica com o trabalho, muitas das vezes precarizado, pelas necessidades financeiras que os auxílios não suprem, ou seja, são classe trabalhadora. Isso quer dizer, que quando esse estudante se depara com a sobrecarga dessa conciliação este mesmo se vê na luta contra a exploração dos seus pares. Esse fato ocorreu com a reivindicação pelo fim da escala 6x1 e é presente na luta em apoio aos trabalhadores terceirizados que, na UFRJ, em muitos momentos recebem seus salários atrasados.

“AINDA ESTOU AQUI”. OS COVEIROS DO CAPITALISMO TAMBÉM



Quase todo o Brasil, ao menos quem foi ao cinema, fala de “Ainda estou aqui”. 5 milhões de pessoas assistiram ao filme no país, fato que o coloca no mesmo patamar de expectadores de “A dama da lotação”, “Se eu fosse você-2”, “Lúcio Flávio, passageiro da agonia”, “Minha vida em Marte”, “Minha mãe é uma peça-2” e produções do quarteto humorístico “Os trapalhões”. Se ganhar algum dos prêmios aos quais concorre na cerimônia do Oscar (melhor atriz, filme e filme internacional), “Ainda estou aqui” pode entrar para a lista dos filmes brasileiros com bilheteria superior a 10 milhões de pessoas, categoria onde se encontram “Dona Flor e seus dois maridos” e “Tropa de elite-2”.

VISÃO POSITIVA SOBRE ONDE CHEGAMOS VERSUS IDEOLOGIA FASCISTA

Muitas pessoas vêm elogiando a obra (afinal, não somos colonizados, mas queremos ver Fernanda Torres gastar seu inglês para agradecer no Oscar), mas há, no entanto, quem boicote. Gente que não irá assistir a mais um filme que joga na cara o passado torturador da ditadura civil-militar de 1964 a 1985.

Obras como “Zuzu Angel”, “Marighela”, “Batismo de Sangue”, “O que é isso, companheiro? ”, “Lamarca”, “Pra frente, Brasil” e outras exploraram o universo da luta armada no Brasil e a covardia da tortura nos órgãos repressores do Estado. Muito ainda há por ser dito nas produções que abordam esse período crítico da história brasileira e da América do Sul.

A continuidade da tortura contra pretos e pobres sob ação policial, o

estabelecimento de um consenso em torno da ideia de pacificação das comunidades, a invisibilidade dos indígenas, submetidos ao genocídio, a desvalorização do Ensino Público e, paradoxalmente, a permanência de órgãos estatais superpoderosos, são alguns elementos constituidores da sociedade brasileira herdados de suas ditaduras (aí incluído Vargas) e da Escravatura.

HEGEMONIA DA NARRATIVA REFORMISTA ENTRE OS PROGRESSISTAS

O filme é bom, mas faltou colocar nos debates o que permaneceu entre nós da ditadura civil-militar. A família do deputado, retratada na trama, sofreu e segue sofrendo com o assassinato dele pelo Estado, como tantas outras, que veem a morte por várias camadas de violência: fome, desemprego, subemprego, racismo, exposição às catástrofes ambientais, etc

Se o mundo (estadunidense) vai escolher o nosso filmaço brasileiro ou não, “Ainda estou aqui” já está ajudando a que essas discussões profundas venham a nos desacomodar. Persiste a necessidade de construir uma memória com base no olhar dos oprimidos, diferente do que o PT tem feito, com uma narrativa de defesa da democracia de forma abstrata, com a qual o filme se coaduna, desconsiderando o caráter de classe e que não ataca as instituições racistas e misóginas que persistem em nossos dias.

“Ainda estou aqui” é um filme poético que nos faz mergulhar no universo de uma família branca de classe média dos anos 1970. A mulher era, sobretudo, a guardiã

da casa. Conta a memória de uma mulher em uma família tão estruturada que, mesmo com um assassinato nunca assumido pela repressão, pôde se reconstruir.

Não há no filme o que se julgar. Ele conta o que se propõe a descortinar. Temos de ir além da oposição democracia (burguesa) x fascismo que nos faz perder não só as oportunidades de elaborar outros filmes (peças teatrais, músicas etc.), mas também de superar o capitalismo que sempre recorre à ditadura contra os pobres.

Outra questão crítica do filme é a origem de classe de seu diretor e produtor: Walter Salles Júnior é neto do fundador do Unibanco. De uma família ligada ao poder no período, seu pai se envolveu no golpe de 1964, a pretexto de temer a instabilidade política.

Houve durante a ditadura, o que Marx descreveu como concentração de capital, resultante da acumulação e, na etapa posterior, a centralização de capital. O número de bancos diminuiu e o grupo Moreira Salles passou a efetuar muitas aquisições e fusões por conta do estímulo aos conglomerados financeiros.

Walter Salles, porém, tem posição progressista. Assinou junto a outros 50 cineastas, no ano passado, uma carta aberta no exigindo o cessar-fogo e o fim da matança de civis em Gaza.

Toda essa problematização em torno de “Ainda estou aqui” não é exclusiva desse caso. Nenhum filme que chega a ser cotado para um Oscar é um soco no estômago do sistema, mas este e outros podem inspirar aqueles que serão os coveiros do capitalismo.



NEM LIVRE-COMÉRCIO, NEM PROTECIONISMO! FIM DA EXPLORAÇÃO CAPITALISTA!

mas vantagens, pois com mais liberdade comercial, mais produção (de alimentos, por exemplo), geralmente, o preço reduz e, assim, o trabalhador pode acessar o necessário para a sua sobrevivência.

Mas, estamos no capitalismo e logo vêm as contradições. Como a força de trabalho também é uma mercadoria, com a queda geral do preços dos bens necessários à reprodução biológica, então a tendência é o valor da força de trabalho reduzir.

Também ocorre do incremento no comércio fazer aumentar a produção e o salário, algo importante para o trabalhador, uma vez que “capital parado leva ao retrocesso da indústria”, causando crise e consequentemente, como sempre, o “trabalhador sucumbiria antes que o capitalista” (Marx)

Mas não é simples assim, pois a transferência de parte do lucro para os trabalhadores não é automático e, nesse meio, o aumento da produção leva à concentração de capital, ampliando numericamente a classe trabalhadora, e havendo mais trabalhador que empregos joga o salário para baixo. Aqui entra também a força da luta dos trabalhadores.

Marx e Engels quando trataram desses temas concluíram que o bem estar dos trabalhadores não virá nem das tarifas protecionistas e nem do livre-comércio, pois as poucas vantagens que podem obter sempre serão menores do que o lucro obtido pelos capitalistas. É assim que funciona esse sistema.

Conclusão: as vantagens são pequenas e se limitam a alguns momentos de crescimento econômico que o livre-comércio permite.

O PROTECIONISMO

Protecionismo são medidas de um governo privilegiando a produção do país, dificultando e até impedindo importações de alguns produ-

tos para enfraquecer a concorrência estrangeira. Ao aumentar o imposto sobre o aço de outros países fortaleceu os capitalistas da indústria do aço nos Estados Unidos. Também já houve protecionismo de países periféricos tentando se desenvolverem economicamente, mas é algo bem específico e pontual.

Marx trata essas tarifas como uma arma econômica do Estado para proteger seus capitalistas e enfrentar o capital estrangeiro. Essas medidas podem colocar vários problemas, como crescimento lento, inflação mais alta, queda no consumo, ou seja, o padrão de vida dos trabalhadores também corre o risco de diminuir.

Conforme essas trocas são realizadas, os mais pobres ficam dependentes economicamente dos mais ricos, como ocorre entre a América Latina (vende basicamente matéria-prima) e os Estados Unidos (que enviam produtos industrializados). E Trump quer reforçar essa dependência, obrigando os países cederem cada vez mais. Outro efeito é o aumento dos conflitos com países mais ricos, como a China. Com isso teremos mais instabilidade pela frente.

PELO FIM DA EXPLORAÇÃO CAPITALISTA

Seguindo Marx, não cabe a classe trabalhadora apoiar um ou outro, pois com livre-comércio ou protecionismo, os capitalistas sempre ficarão com a riqueza e a classe trabalhadora mais pobre.

A única possibilidade de uma virada a nosso favor, é a classe trabalhadora mundial se juntar e defender seus interesses, produzir coletivamente e distribuir entre todos o que produz. E no caso do continente americano cabe à classe trabalhadora estadunidense e latino-americana deixarem de escolher qual forma vai ser explorada e lutar contra a exploração sob qualquer forma.

O governo Trump marca um novo momento na política mundial. Como prometido, ele avança a perseguição e prisão aos imigrantes, impõe desregulamentação climática, demite funcionários públicos e tem aumentado as tarifas sobre algumas importações, o chamado protecionismo, tema desse texto.

Impôs aumento de tarifas contra México e Canadá (suspensas após acordo sobre as fronteiras) e China. Em relação ao aço e alumínio ele espera atingir todos os países. O argumento é fortalecer a indústria local e fazer os Estados Unidos ser grande novamente, objetivo que acirra a disputa comercial.

Essa política de aumentar os impostos para restringir a entrada de mercadorias e produtos de outros países é uma ruptura com um modelo de décadas, no qual, no geral, as taxas seguiam um patamar que não representavam um obstáculo para o comércio e nem desestabilizavam as relações comerciais. A formação do mercado comum europeu era a melhor representação da liberdade comercial do pós-guerra.

O LIVRE-COMÉRCIO

Nenhum país produz tudo e por isso precisa fazer trocas (sempre os países ricos levam vantagens) e podem ocorrer pelo livre-comércio ou com medidas restritivas protecionistas. Vamos tentar entender a lógica de um e de outro e como servem para explorar os trabalhadores.

Partindo da lógica capitalista, o livre comércio pode apresentar algu-

GUERRA DE “TERRA ARRASADA” EM GAZA MOSTRA A BARBÁRIE SIONISTA

O cessar fogo estabelecido na Faixa de Gaza entre Israel e o Hamas, começou em 19 de janeiro, com a libertação, por etapa, dos 251 prisioneiros israelenses pelo grupo islâmico e, em consequência, o fim dos bombardeios sionistas na região. Apesar da trégua, a tensão entre os sionistas e o Hamas prossegue.

Com razão, o acordo foi comemorado pela heroica resistência palestina, mas os números da destruição provocada pelo exército sionista são assustadores e revelam a chacina que foi praticada. Mesmo com o Ministério da Saúde de Gaza, administrado pelo Hamas, reconhecer mais 46 mil palestinos mortos, o canal Al Jazeera do Catar, aponta números maiores: 63.753 palestinos foram mortos (cerca de vinte mil crianças e 24,5% de mulheres), a contar de 07/10/2023, quando iniciou a guerra.

O presidente da Federação palestina no Brasil, Ualid Rabah, sustentou, inclusive, que proporcionalmente Israel matou 16,5 vezes a mais crianças que os nazistas mataram em Auschwitz. O número de mutilados e feridos chegou a 127.688 palestinos. Considerando que a população em Gaza é de 2,4 milhões de habitantes, cerca de 9% da população da região morreram ou foram mutilados nos 467 dias da invasão.

A desproporção absurda de baixas entre as forças em confronto é mostrada no fato que do lado sionista 1.139 israelenses foram mortos (846 soldados) e 8.730 feridos. Outros elementos que confirmam essa desproporção são traduzidos no fato de 90% da população da Faixa de Gaza terem sido forçosamente deslocados. Já 92% das residências foram danificadas ou destruídas, assim como 84% dos hospitais e infraestruturas de saúde. Sobraram dessa barbárie 50 milhões de toneladas de ruínas (sob as quais estão muitos cadáveres de palestinos) e que demorarão mais de duas décadas para serem removidas.

A REMOÇÃO DOS PALESTINOS, IDEALIZADA POR TRUMP E APOIADA POR NETANYAHU

A política de guerra de “terra arrasada” por parte do reacionário Netanyahu foi a repetição do que há mais de 80 anos os nazistas fizeram, quando invadiram a ex-URSS, com o objetivo de colonizar e escravizar o povo soviético.

Dentro dessa lógica, a guerra de “terra arrasada” é o que está por trás do massacre de crianças e de mulheres (o segundo maior grupo de vítimas dos sionistas). Essa estratégia tem como objetivo impedir a renovação do ciclo da vida na população palestina. Em síntese: a política é fazer desaparecer o povo palestino. Não é à toa, partindo dessa ideia, que, em final de janeiro, o também reacionário Trump, apoiado por Netanyahu, falou em remover os palestinos de Gaza e criar um resort para bilionários.

A natureza do Estado israelense explica esse objetivo. Criado em 1948, por política dos países imperialistas através da ONU e com apoio da União Soviética stalinista, Israel é um enclave imperialista na

região. A justa comoção popular com as revelações assombrosas da barbárie nazista contra os judeus foi manipulada para a criação de um Estado com o objetivo resguardar os interesses dos países imperialistas, das suas corporações e bancos no Oriente Médio, uma região, digase de passagem, fundamental não somente na geopolítica do planeta, mas bastante rica em petróleo e gás natural.

Em consequência, nesses 77 anos desde a sua criação, Israel seguiu expropriando a terra dos palestinos e continuou expandindo para Gaza, uma estreita pedaço de terra a oeste de Israel, com cerca de 40 km de comprimento e 11 km de largura – pouco mais que o dobro do tamanho de Washington. Israel também tomou da Síria as Colinas do Golã e do Líbano, as Fazendas de Shebaa, ao sul desse país.

POR UMA PALESTINA MULTIRRACIAL, LAICA E DEMOCRÁTICA! PELO FIM DO ESTADO DE ISRAEL!

A existência do Estado de Israel é a continuidade de ataques aos povos da região. Nesse sentido, é uma utopia reacionária a defesa da coexistência pacífica de dois Estados, um palestino e um israelense. Essa política, defendida por setores das burguesias árabes, é impossível, pois vai contra a natureza belicista, sectária do Estado de Israel e a quem ele serve.

Por tanto, a política mais justa para a região continua sendo a defesa de uma Palestina multirracial, laica e democrática para os trabalhadores, as mulheres, a juventude, os maiores atingidos pelo genocídio sionista. Essa política, entretanto, não é abraçada pelo grupo mulçumano sunita como o Hamas, que governa a Faixa de Gaza, e nem pelo grupo islâmico xiita libanês, Hezbollah.

